

Revista da Universidade Ibirapuera

Volume 30 – Julho/Dezembro de 2025
Páginas 47 a 58

José Eduardo Paraiso Razuk
Universidade Ibirapuera
eduardo.razuk@ibirapuera.edu.br

O acervo de Augusto Boal *Um exemplo do papel das mídias digitais na salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro*

Resumo:

O artigo reporta as dificuldades enfrentadas na manutenção dos acervos pessoais, tão relevantes às investigações que envolvem a história de vida e a obra de personalidades da cultura brasileira. O estudo procurou ainda valorizar a importância dos acervos digitais na solução dessas dificuldades e como ferramenta essencial de apoio à pesquisa. Para tanto, será apresentado como ilustração, o episódio relacionado ao acervo pessoal do grande teatrólogo brasileiro, Augusto Boal.

Palavras-chave: Augusto Boal; Acervo Pessoal; Arquivos Digitais

Abstract

The article reports on the difficulties faced in maintaining personal collections, which are so relevant to research involving the life history and work of Brazilian cultural figures. The study also sought to highlight the importance of digital collections in solving these difficulties and as an essential tool to support research. To this end, an episode related to the personal collection of the great Brazilian playwright, Augusto Boal, will be presented as an illustration.

Keywords: Augusto Boal; Personal Collection; Digital Archives;

Introdução

As plataformas de acervos documentais na web, indiscutivelmente, se tornaram das mais relevantes fontes de pesquisa e representam instrumentos importantíssimos para preservação, memória e difusão do patrimônio histórico e artístico. Do ponto de vista do acesso, da praticidade, da economia de custos e da rapidez para a coleta de dados também são significativas as vantagens obtidas através da consulta aos acervos digitais, quando esses são produzidos com a devida qualidade na aplicação das técnicas arquivísticas nos processos de registro e organicidade documental e com a devida eficiência comunicacional na criação e publicação de conteúdos.

No entanto, apesar de todos os benefícios relacionados à democratização do acesso, no atual cenário brasileiro se tem observado uma grande dificuldade na obtenção de recursos para instituições ligadas à memória e à manutenção de acervos públicos e, mais gravemente, em relação aos acervos concebidos a partir de arquivos pessoais. Conceitualmente os arquivos pessoais podem ser definidos como

o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, que as informações inéditas contidas nos seus documentos, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, tragam fatos novos às ciências, à arte e à sociedade

(BELLOTTO; 1991:179).

Assim, os arquivos pessoais representam valiosas e diferenciadas fontes de pesquisa, tanto pela especificidade dos documentos que podem conter, quanto pelas possibilidades geradas para análises sobre a obra, a natureza humana e a história de vida dos personagens pesquisados. Portanto, potencialmente, podem fornecer interpretações mais aprofundadas e complexas no entendimento das personalidades pesquisadas do que as informações impessoais disponíveis nos tradicionais arquivos de natureza pública.

Infelizmente, os problemas ligados à consulta aos arquivos pessoais de personagens da história do país são comuns entre os pesquisadores da área da cultura, cujo trabalho venha a envolver a pesquisa histórica documental, principalmente dada as grandes dificuldades na salvaguarda e manutenção desses acervos.

A curadoria dos acervos pessoais é extremamente complexa, conforme nos relata Liliana Giusti Serra, coordenadora de acervos pessoais de grande importância para a cultura nacional, como os de Lygia Fagundes Telles, Decio de Almeida Prado, Otto Lara Rezende,

Paulo Autran, Erico Verissimo, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz entre outras personalidades

Essa experiência permitiu ter a completude do que é um acervo pessoal e os cuidados que merecem. Toda a transferência de guarda de um acervo pessoal – quer seja por compra ou doação – deve ser regida por um contrato, onde a instituição recebedora compromete-se a preservar, manter a integridade do conjunto e permitir a consulta pública, de acordo com o nível de confidencialidade estabelecido. Pode ocorrer do doador manifestar intenção de proteger parte do conjunto, agregando temporalidade para acesso público de documentos que julgar sigilosos. Essas prerrogativas devem ser garantidas pelo gestor do acervo.

A organização pessoal do intelectual deve ser preservada ao máximo, garantindo que o arranjo dado pelo proprietário seja mantido. Essa organização explica muito da formação do acervo, representando o pensamento e as conexões dos itens dentro do conjunto. A retirada de um acervo não é uma simples mudança ou transporte. Sempre que possível deve-se reproduzir a ordem original. Os cuidados para transferência de acervos vão desde sinalizações até formação de grupos dos itens, preservando a ordem e sequência do colecionador, além dos cuidados necessários para garantir a segurança física do transporte, muitas vezes realizados com apólices de seguro. (SERRA, 2014)

Além de toda a complexidade de manutenção, a preservação de documentos sofre também com o descaso da sociedade e do governo brasileiros. Uma síntese do desleixo com a preservação documental na atualidade pode ser observada na matéria intitulada Preservação de acervo é vital para memória e identidade de um povo, entrevista com a professora Marina Massimi (2018) do Instituto de Estudos Avançados da USP que enfatizou a deterioração dos acervos e a irresponsabilidade das diversas entidades ligadas à preservação e memória nacional. Destacou ainda a coordenadora do Grupo de Pesquisa Tempo, Memória e Pertencimento que a causa desse pouco cuidado está relacionada ao imediatismo e individualismo das instituições preocupadas prioritariamente com os resultados à curto prazo e com investimentos de interesses particulares, num caminho oposto ao necessário para a manutenção de acervos pessoais.

Assim, os convencionais acervos materiais muitas vezes se encontram inacessíveis ou têm o acesso dificultado por contratemplos de ordem geográfica, financeira e temporal. Também não se excluem das consultas e investigações as falhas nos registros de arquivamento, ou ainda a má conservação dos documentos e outras fontes e objetos de pesquisa.

Esses problemas ocorrem, mesmo quando a personalidade e a obra em observação têm um notório reconhecimento e relevância para a cultura nacional. Como no caso que aqui exemplificaremos: o acervo pessoal de Augusto Boal.

A trajetória artística e política de Boal

Augusto Boal reinventou o Teatro Político e é uma figura internacional tão importante quanto Brecht ou Stanislavsky.

The Guardian Journal.

Boal se destacou como um dos maiores teatrólogos da contemporaneidade. Consagrado mundialmente como um dos mais importantes artistas e ideólogos da história do teatro moderno, observado em qualquer uma das manifestações da arte teatral em que tenha se expressado: diretor teatral, pesquisador, teatrólogo e dramaturgo.

Como já apresentado em *Muito além do Teatro do Oprimido* – um panorama da obra dramaturgical de Augusto Boal (RAZUK, 2019), muitas são as razões do reconhecimento internacional obtido por esse dedicado artista brasileiro do fazer teatral, e que na sequência procuramos sintetizar.

Primeiramente, por ser o criador do Teatro do Oprimido, a concepção de trabalho estudada nas principais escolas de teatro do mundo. Fundamentado numa proposta de realização de experiências cênicas transformadoras, o Teatro do Oprimido, tem como objetivo instrumentalizar a cena teatral como um meio de libertação e de ação social, cujos resultados e abrangência valeu a Boal uma indicação ao prêmio Nobel da Paz (2008) e a conquista do título de Embaixador do Teatro, conferido pela UNESCO em 2009.

Em sua trajetória profissional Boal também se destacou por sua atuação como ator e, mais ainda, como o principal diretor do legendário Teatro de Arena, a revolucionária companhia teatral paulistana que, na segunda metade do século 20, representou o que de melhor se produziu para a renovação e modernização do pensamento, da estética e da prática teatral no Brasil.

A partir do encontro de Boal e de alguns outros artistas do grupo, se construiria a uma doutrina teatral típica, e essa ficaria mais evidenciada e influente a partir dos históricos Seminários de Dramaturgia, um paradigma de profunda renovação da dramaturgia brasileira, amálgama resultante da junção dos seguintes elementos: método Stanislavski de interpretação, posicionamento político e crítico marxista, emprego de linguagens cênicas contemporâneas, nacionalismo e temática com foco na realidade social brasileira.

O trabalho do Teatro de Arena, sob a direção de Boal, ainda marcaria a história de nosso teatro com a série de espetáculos intitulada 'Arena conta'. Peças sobre grandes personagens da história brasileira ou latino-americana que cujas vidas haviam sido dedicadas às lutas de ideais libertários, como Zumbi, Tiradentes e Simón Bolívar. Também é marca do Teatro de Arena o emprego da técnica de representação denominada Sistema Curinga, uma grande inovação na estética da atuação e direção de teatro, sistema criado e teorizado por Boal.

Para além dos palcos, Augusto Boal cumpriu um importante papel político como um dos principais intelectuais da esquerda, engajado nas lutas pela liberdade de expressão e pela

redemocratização do país, durante os anos da ditadura militar brasileira e, no pós-ditadura, no retorno do exílio, veremos Boal dedicado à construção de uma nova mentalidade política nacional.

Carioca, filho de imigrantes portugueses, Augusto Pinto Boal, nascido em 1931 se tornou, sem dúvida, o artista do teatro brasileiro de maior relevância e reconhecimento internacional, graças as proposições apresentadas sob a denominação de Teatro do Oprimido que se tornaram referências nos estudos e círculos teatrais realizados por todo o mundo e que foram desenvolvidas nos quinze anos em que Boal esteve submetido a um exílio político, após a prisão e torturas sofridas em 1971.

Augusto Boal foi covardemente perseguido, sequestrado, preso, torturado e exilado pelo truculento sistema de repressão implantado na Ditadura Militar a partir da promulgação do AI5 - Ato Institucional Número Cinco, em 13 de dezembro de 1968. O processo injusto e desumano sofrido por Boal foi provocado pelo seu engajamento contra o regime ditatorial que era manifestado, simplesmente e pacificamente, através da arte teatral. O teatro era a arma de luta de Boal. Sempre havia sido.

Sou um homem da paz. Mas a paz tem um inimigo: a passividade.

Augusto Boal

Sua obra autobiográfica, *Hamlet e o Filho do Padeiro: memórias imaginadas* (2014), nos mostra que o teatro esteve presente na vida de Augusto Boal desde as brincadeiras de infância e, embora profissionalmente tenha se formado como engenheiro químico, para cumprir a vontade paterna, paralelamente, mantinha uma atuação no meio teatral por meio da escritura de suas primeiras peças, que já revelavam o seu grande talento dramaturgic. Prova maior disso, é o fato de que já na época de suas primeiras escrituras, as peças de Boal mereceram o incentivo e o reconhecimento do grande Nelson Rodrigues, consagrado como o melhor dramaturgo brasileiro.

Concluída a formação como engenheiro, Boal dá um outro passo decisivo em sua carreira artística, se dedicando a novos e maiores estudos em teatro em universidade norteamericana, conforme sintetizado em trecho extraído do Instituto Augusto Boal:

Muito jovem, viaja para os Estados Unidos, onde estuda na Columbia University, com John Gassner, e assiste as montagens do Actor's Studio. Retorna ao Brasil em 1956, e, a convite de Sábato Magaldi e Zé Renato, dirige o Teatro de Arena de São Paulo.

A companhia, fundada em 1951, provocou uma verdadeira revolução estética no teatro brasileiro dos anos 1950 a 1970. Com a repressão pós-golpe de 1964 e, sobretudo a partir do AI-5 em dezembro de 1968, os militares passam a perseguir artistas e intelectuais. Boal é sequestrado, preso, torturado e, em fevereiro de 1971, exila-se em Buenos Aires, (1971-1976).

Pouco tempo antes de sua prisão, em 1970, em trabalho no Núcleo Dois do Teatro de Arena, Boal iniciaria alguns experimentos cênicos do chamado Teatro-Jornal, que se

tornariam embriões do Teatro do Oprimido. Durante seu exílio na Argentina, Boal atuou novamente como diretor teatral no grupo El Machete de Buenos Aires onde encenou diversos espetáculos de sua autoria: O Grande Acordo Internacional do Tio Patinhas, Torquemada e Revolução na América do Sul. Nesses tempos de expatriação realizou diversas viagens pela América Latina e desenvolveu outras teorias, oficinas e métodos: o Teatro-Imagem, o Teatro-Invisível e o Teatro-Fórum. Esses, futuramente, seriam condensados no método Teatro do Oprimido.

Em 1976, Boal se mudou para a Europa. Num primeiro período se estabeleceu em Portugal, dirigindo o grupo A Barraca e, logo a seguir, foi convidado para lecionar na Université de la Sorbonne em Paris. Em 1979, ainda na capital francesa, criou o Centre du Théâtre de l'Opprimé, importante centro na difusão do método por todo o continente.

A partir daí, para além das fronteiras europeias, as teorias criadas por Boal avançaram universalmente e não somente como um conhecimento restrito ao no meio artístico ou às escolas de teatro. Muito além de um método para o desenvolvimento da arte teatral, o Teatro do Oprimido se tornou uma ação política para o despertar de consciências na busca de uma nova realidade social, ética, solidária e libertadora, como melhor (e brilhantemente!) nos apresenta Boal em *A Estética do Oprimido* (2008, p.18):

O Pensamento Sensível é arma de poder – quem o tem em suas mãos, domina. Por isso, os opressores lutam pela posse do espetáculo e dos meios de comunicação de massas, que é por onde circula e se impõe o pensamento único autoritário. Quando exercido pelos oprimidos, o Pensamento Sensível é censurado e proibido – eles não têm direito à sua própria criatividade: máquina não cria. Aperta-se um botão... e produz. Podem também ser usados como macaquinhos de realejo em programas de auditório.

A Invasão dos Cérebros explica a formação dos submissos rebanhos de passivos fiéis das igrejas eletrônicas dos milagres a granel, com dia e hora marcados pela TV; das enfurecidas multidões de torcedores dos esportes de massa, unanimizados pelo estéril fanatismo; da irritante e venenosa vacuidade intelectual dos programas de auditório; das tristes decisões eleitorais das massas corrompidas pelo próprio sistema ao qual estão integradas, que os explora, reprime e deprime, e atrai.

Como cidadãos, antes de tudo, como artistas por vocação ou profissão, temos que entender que só através da contracomunicação, da contracultura-de-massas, do contradogmatismo; só a favor do diálogo, da criatividade e da liberdade de produção e transmissão da arte, do pleno e livre exercício das duas formas humanas de pensar, só assim será possível a liberação consciente e solidária dos oprimidos e a criação de uma sociedade democrática – no seu sentido etimológico, pois, historicamente, a democracia jamais existiu. Dela, pedaços sim.

Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser usados pelos oprimidos como formas de rebeldia e ação, não passiva contemplação absorta. Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e

continuados. Em algum momento escrevi que ser humano é ser teatro. Devo ampliar o conceito: ser humano é ser artista! Arte e Estética são instrumentos de libertação.

Com o final da ditadura militar e consequente abertura política, em 1986, Boal retornou ao Brasil e a convite de Darcy Ribeiro, o então Secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Boal passou a comandar e dirigir a Fábrica de Teatro Popular, um projeto que pretendia tornar a linguagem teatral acessível a qualquer cidadão.

Ainda nesse mesmo ano fundou o Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro, difundindo de forma mais contundente no Brasil o seu método, nesse momento já mundialmente reconhecido e consagrado.

Na continuidade de seu engajamento político, nas eleições municipais de 1992, Boal se candidatou e se elegeu vereador na cidade do Rio de Janeiro. Dessa atuação no meio político surgiu uma nova proposta cênica, o Teatro Legislativo. O Centro do Teatro do Oprimido assim descreve esse período:

“No CTO-Rio, desenvolve projetos com ONGs, sindicatos, universidades e prefeituras. Em 1992, candidata-se e é eleito vereador da cidade do Rio de Janeiro pelo PT (Partido dos Trabalhadores), para fazer Teatro-Fórum e, a partir da intervenção dos espectadores, criar projetos de lei: é o Teatro Legislativo. Após transformar o espectador em ator com o Teatro do Oprimido, Boal transforma o eleitor em legislador.

Utilizando o Teatro como Política, em Sessões Solenes Simbólicas, encaminha à Câmara de Vereadores 33 projetos de lei, dos quais 14 tornam-se leis municipais, entre 1993 a 1996. A partir de 1996, fora da Câmara dos Vereadores, Boal e o CTO seguem na consolidação do Teatro Legislativo. Em 1998, conseguem o apoio da Fundação Ford, para a criação de grupos comunitários de Teatro do Oprimido. Boal também realizou diversas Sessões Solenes Simbólicas, de Teatro Legislativo.”

Augusto Boal faleceu em maio de 2009 e nos deixou suas teorias e experimentos teatrais em obras lançadas nos mais diversos idiomas. Seus consagrados métodos se tornaram práticas comuns nas escolas de teatro e têm sido amplamente estudados e discutidos nos meios acadêmicos.

Muito além do Teatro do Oprimido

Mais do que as práticas e discussões provocadas pelo Teatro do Oprimido ou acima da genialidade como diretor teatral, a relevância intelectual de Augusto Boal é inquestionável, tanto para o teatro brasileiro como também para a propagação de ideais libertários. O dramaturgo e historiador Romário José Borelli (2009) sintetiza essa trajetória política da seguinte maneira:

Augusto Boal foi um agitador cultural como ninguém, que via em tudo uma possibilidade de expressão e a implementava com celeridade e precisão. Sua fala sempre ligeira quase não dava conta de seu raciocínio ainda mais rápido. Ele era sempre guiado pelo visionarismo, no bom sentido da palavra, e sempre dirigia seu foco para onde outros ainda não tinham percebido que havia alguma coisa.

Foi assim com o show Opinião (1964), onde brilharam Nara Leão, Maria Bethânia, Zé Keti e João do Vale (com texto de Paulo Pontes, Oduvaldo Vianna Filho e Jaime Costa), que se tornou um marco na cultura brasileira e abriu caminho para os musicais; Foi assim com Arena conta Bahia, onde lançou Gilberto Gil, Caetano Veloso e Gal Costa. Foi assim com o “sistema curinga”, em que adaptava a estrutura do “corifeu” e do próprio “coro” do teatro grego a uma busca de expressão do teatro brasileiro. Lançou toda uma teoria a respeito, que estruturava a dramaturgia de Arena conta Tiradentes, escrito com Gianfrancesco Guarnieri, seu grande parceiro. [...]

Boal seguiu sua trajetória brilhante pelo mundo, abrindo caminhos, iluminando cantos escuros de nossas mentes. Visionário, não podia deixar de ser socialista, sempre comprometido com a libertação do homem. Sabendo que o sistema, este sim, é invisível, quando não é uma ditadura escancarada, criou formas e técnicas para denunciá-lo. Criou um método para que o homem usasse os elementos básicos dessa arte milenar que é o teatro para libertar-se do sistema econômico, dos tabus do sexo, da opressão da convivência com os demais, da religião, da burocracia e de qualquer humilhação. Ao contrário do que muitos pensam, sua vida não foi dedicada ao teatro. Usou o teatro para dedicar-se aos direitos humanos.

Sua atuação como teatrólogo, político e intelectual de pensamento marxista dividem o protagonismo em sua biografia. Provavelmente, em função de todas essas destacadas atuações, seu papel como escritor de peças teatrais pouco espaço tem recebido nas investigações do qual tem sido um merecido alvo.

Em Muito além do Teatro do Oprimido – um panorama da obra dramaturgica de Augusto Boal (RAZUK, 2019), realizamos um estudo histórico-crítico sobre as peças teatrais de Augusto Boal. Um dos principais objetivos desse ensaio, consistia na reunião de informações fundamentais sobre esse patrimônio da dramaturgia nacional.

Trata-se de uma vasta obra que é composta por mais de 30 peças teatrais. Entretanto, muitas outras peças se perderam no tempo, segundo as palavras do próprio artista que estão publicadas na apresentação do primeiro volume da coletânea de sua obra: Teatro de Augusto Boal (1990). Ainda, segundo outras informações do autor, há uma outra dezena de títulos do chamado Teatro-Foro, escrituras em francês realizadas em Paris na época de seu exílio na capital francesa.

Durante as pesquisas que resultaram nesse ensaio foi constatado que além das peças citadas no capítulo Introdução da referida coletânea, algumas outras devem ser somadas àquela relação de títulos fornecida pelo autor. Algum título não citado por um simples esquecimento de Boal no momento de realização da listagem, ou ainda, alguma peça escrita posteriormente àquela informação de fevereiro de 1985.

Variadas declarações de Augusto Boal, como a reproduzida abaixo, se reportam ao fato de que parte de sua obra dramaturgica acabou se perdendo:

Quantas peças escrevi e quais? Já nem me lembro. Comecei cedo. Comecei faz muito tempo. Tentei reunir alguns papéis, mas foi difícil: estão espalhados em tantos países onde morei e onde fui ficando um pouco, misturado com livros e trapos. (BOAL, 1990, vol.1)

Durante a pesquisa encontramos indícios e registros que, infelizmente, vieram a confirmar a perda de tais obras. Este é o caso da peça intitulada Whisky e da peça intitulada Plantai Coqueiros sob a Janela de Vossas Amantes.

Em sentido oposto, a boa notícia gerada durante nossa investigação, foi o encontro de fotocópias datilografadas das peças Laio se Matou, Filha Moça e O Cavalo e o Santo, presentes no banco de textos teatrais da biblioteca da ECA - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, já em estado avançado de deterioração.

Com o objetivo de preservação e difusão dessas importantes obras, pois nenhuma dessas peças haviam sido impressas nas edições de O Teatro de Augusto Boal ou em qualquer outra forma de publicação no formato livro, julgamos relevante, portanto, proceder a digitalização do referido material, bem como disponibilizar o mesmo como um anexo do referido ensaio.

Hoje, essas três peças também estão disponíveis para consulta online em plataformas digitais dedicadas à publicação de trabalhos acadêmicos e, de forma melhor segmentada, em página intitulada Banco de Teses do sítio eletrônico do Instituto Augusto Boal.

Os arquivos pessoais de Boal: um patrimônio do teatro nacional

Para que melhor se entendesse o meu teatro, seria útil que eu desvelasse minha vida do meu jeito, não tintim por mais tim, pingos nos is, mas histórias, fatos e feitos.

Augusto Boal

Na busca desse acervo de peças teatrais e outras informações para a realização da referida pesquisa foram empregadas técnicas comuns das análises histórica e da análise de discurso, como o a consulta às escrituras originais, cópias impressas, levantamento dos produtos culturais decorrentes das montagens das referidas peças como livros, discos, programas e cartazes teatrais e outros materiais de divulgação, verificação de reportagens e críticas sobre a repercussão da montagem das peças no âmbito do jornalismo cultural da época de suas estreias etc.

Nesse levantamento do registro de materiais potencialmente relevantes para a pesquisa, revelou-se a informação de que Augusto Boal sempre foi extremamente organizado e cuidadoso com sua história pessoal e profissional e, portanto, que seus documentos, escritos e outros materiais faziam parte de um grande acervo pessoal. Só que esse acervo, infelizmente se encontrava indisponível.

O acervo documental de Augusto Boal é riquíssimo para os pesquisadores da cultura brasileira, em especial, para os pesquisadores de nosso teatro. Composto dos originais de suas peças, de programas e cartazes de espetáculos, traduções realizadas por Boal, prêmios conquistados além de cadernos, roteiros, fotos, desenhos, produtos audiovisuais,

documentos bibliográficos e alguns objetos museológicos como medalhas, placas, troféus etc.

Outro aspecto de destaque é a quantidade de recortes de jornais e revistas com textos de sua autoria, artigos, declarações, entrevistas, crônicas ainda recortes com notícias e reportagens referentes a ele ou seu trabalho teatral. São aproximadamente de doze metros lineares de documentos que compreende registros desde 1956 até 2009, o ano de sua morte.

Um verdadeiro tesouro para a memória de teatro brasileiro, mas o mesmo, infelizmente, ainda não se encontrava disponível para o acesso ou consulta pública, por problemas típicos relacionados aos custos de manutenção e a falta de políticas públicas de incentivo à preservação da memória cultural, como veremos a seguir.

Um grande acervo, uma difícil jornada e uma longa espera

Conforme nos apresentou Patrícia Machado Goulart França (2015) uma das primeiras ações de salvaguarda e preservação do acervo foi realizada numa parceria entre a família de Boal e a UNIRIO - Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro.

Para entender os diversos caminhos de percurso do acervo, em O arquivo pessoal do teatrólogo Augusto Boal: o espetáculo continua, é descrito um processo que revela várias tentativas de acomodação desses arquivos. Essa jornada envolveu negociações com algumas universidades e fundações de apoio à cultura, sempre enfrentando as mesmas dificuldades em relação aos custos de implantação e manutenção do acervo em espaço e condições climáticas adequados, bem como, dificuldades em relação à capacidade operacional dentro das boas normas e técnicas da arquivologia.

Um percurso que desde 2008, portanto, desde antes da morte de Augusto Boal, compreendeu um conjunto de experiências repletas de adversidades e contratemplos, uma via-crúcis que de forma resumida compreendeu as seguintes etapas de negociação para custódia e curadoria do acervo: na já citada UNIRIO, na FUNDAR – Fundação Darcy Ribeiro, na SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e, ainda, no IMS - Instituto Moreira Salles. No entanto, sempre em função de problemas relativos aos custos de manutenção do acervo e ao espaço adequado para a conservação do mesmo as negociações resultaram em insucessos para a realização completa do projeto.

Como a família de Boal sempre esteve preocupada com a questão do acesso à pesquisa, quando não encontravam, além do apoio e boa vontade das instituições citadas, as condições corretas para instalação do acervo, procuravam interferir para buscar o caminho das mudanças necessárias.

Assim, em determinado momento, os familiares de Boal decidiram pela locação pessoal de um espaço para que eles próprios cuidassem do acervo. Embora se tenha investido na climatização do ambiente o espaço disponível, não comportava todos os arquivos e, portanto, uma parte desses materiais foi deslocada para a residência familiar. Essa etapa

também não obteve um bom resultado pois se desencadeou o início de um processo de deterioração dos documentos.

Cecília Thumim Boal, esposa do artista, procurou então o apoio de outras instituições, inclusive abriu negociação com instituições estrangeiras. O pedido acabou por interessar a universidade norte americana em que Boal atuou, a NYU - New York University, e que mantém uma cátedra sobre Boal e o Teatro do Oprimido. Um de seus diretores esteve no Brasil e apresentou a proposta de manter o acervo sem nenhum custo.

A possibilidade de saída desse acervo do nosso país, obviamente, causou controvérsia e uma reação negativa por parte da imprensa, um justo inconformismo com o descaso a que está submetida uma parte de nosso patrimônio cultural.

Despertado então um maior interesse público pelo acervo de Augusto Boal, fato que aliado à intenção da família Boal em manter o acervo no Brasil, preferencialmente no Rio de Janeiro, iniciaram-se então as negociações com a UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde esse importante acervo foi hospedado, mas onde também não teve seu acesso disponibilizado à consulta pública:

A aquisição do acervo de Augusto Boal foi formalizada através do termo de cessão em comodato, no dia 2 de dezembro de 2011, por meio do qual a UFRJ passou a assegurar a preservação do acervo. Segundo Cecília Boal, o acervo não será vendido, nem doado, justamente para preservá-lo, pois para ela é essencial que a obra de Boal seja amplamente divulgada e difundida, de forma a revitalizar o seu legado. [...]

Após longas negociações e deslocamentos do arquivo pessoal de Augusto Boal pela cidade do Rio de Janeiro, Cecília Boal encontrou um lugar para o acervo. Atualmente, o arquivo do teatrólogo se encontra sob a custódia da UFRJ, sendo organizado e tratado, para ser disponibilizado. A viúva de Augusto Boal disse estar satisfeita e que faz sentido o acervo estar na UFRJ, onde ele estudou, ressaltando a importância do avanço no tratamento dos documentos. (FRANÇA, 2015 p. 40 e 42)

Recentemente, em 2019, foi divulgada uma nova mudança do acervo, que agora está na capital paulista, após a doação do arquivo físico ao acervo da biblioteca do Museu Lasar Segall e que, segundo informações publicadas em 4 de abril de 2020 pelo Instituto Augusto Boal, o acervo já foi catalogado em quase sua totalidade e se encontra hoje sob salvaguarda em excelentes instalações técnicas.

Finalmente, parece ter-se encontrado um desenlace positivo para a preservação desse acervo importantíssimo para a memória do teatro nacional. Nas negociações realizadas entre o Museu Lasar Segall e a Família Boal, a gestão do banco de dados eletrônicos, ou seja, a manutenção e publicação do acervo digital, permanecem sob a responsabilidade do Instituto Augusto Boal.

Instituto Augusto Boal: um bom exemplo de acervo digital

Paralelamente aos esforços de manutenção e local de destino do acervo físico, em março de 2011, Cecília e Fabian Boal, esposa e filho do teatrólogo, criaram o Instituto Augusto Boal, com a missão de preservar o legado do teatrólogo, mas sem condições financeiras para a preservação e divulgação do acervo.

Desde então, o site do instituto vem cumprindo um papel relevante na digitalização, manutenção e publicação de alguma parte do grande acervo. Também se encontram publicadas outras informações relevantes à pesquisa como um banco de teses e outros trabalhos acadêmicos, conteúdos diversos sobre a vida e obra de Boal, atualidades, artigos e matérias de interesse, enfim, uma plataforma online de grande interesse e utilidade aos que se dispõem à pesquisa histórica sobre o teatro e a cultura nacional.

Referências:

BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. Hamlet e o Filho do Padeiro: memórias imaginadas. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. Teatro de Augusto Boal. Vols. 1 e 2. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. Teatro do oprimido. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos permanentes: tratamento documental. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. 198 p.

BORELLI, Romário José. O Oprimido Insolente. In: O Estado de São Paulo. Caderno Aliás. 10 de maio de 2009.

CENTRO DO TEATRO DO OPRIMIDO. In: <http://www.ctorio.org.br>;

Acesso: 02/03/2022.

FRANÇA, Patrícia Machado Goulart. O arquivo pessoal do teatrólogo Augusto Boal: o espetáculo continua. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, FGV _ CPDOC, 2015.

IAB - INSTITUTO AUGUSTO BOAL. In: <http://www.institutoaugustoboal.com.br>.

Acesso: 02/03/2022.

MASSIMI, Marina. Preservação de acervo é vital para memória e identidade de um povo. Entrevista. In: Jornal da USP. 5 de setembro de 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br>.

Acesso: 10/06/2022.

RAZUK, Eduardo. Muito além do Teatro do Oprimido – um panorama da obra dramaturgical de Augusto Boal. Ensaio de pós-doutoramento. EACH - Escola de Artes Ciências e Humanidades; USP - Universidade de São Paulo, 2019.

SERRA, Liliana Giusti. A importância dos acervos pessoais. Biblioteconomia Digital. 2014.

In: <http://www.ofaj.com.br>. Acesso: 10/06/2022.